



AMOR, AFLIÇÃO, MORTE

Assim é o homem que espera a mulher. Vê o relógio, fuma, e telefona. Sabe que ela vem; tem vindo. Pode estar tranqüilo; mais cinco minutos e chegará. E, como é natural, ela chega. Mas no bôjo desse fato simples, esperado, certo, há um elemento de surpresa, um recôndito milagre. O instante em que ela chega pode ser rigorosamente previsto. Sabemos que está no trem; mas quando o trem pára e ela surge, isso não é um fenômeno que vem atrás do outro numa cadeia de coisas. Essa presença é sempre um fato inédito; o céu interveio. Ou não digamos o céu; vamos dizer que a força secreta da vida saltou de súbito, produziu um instante livre, novo, sóto em si mesmo. Não foi o ônibus, nem o trem, nem o táxi que a trouxe. Se ela veio andando, não veio andando pela rua. É evidente que podemos reconstituir materialmente sua viagem; mas no instante em que chega há o leve choque de algo que aparece, como a leve carga de chuva grossa e rápida que uma pequena nuvem lança, ou como um raio de sol que intervem, louro, fino, vibrante, entre duas mangueiras. "Baixou" como dizem os espíritas.

É uma realidade superior, um mundo de fantasias que se encarna de súbito aos nossos olhos. A natureza da mulher é assim feita não só da estrita carne e da voz, os olhos líquidos e os cabelos, a tênue veia atrás dos joelhos, os vestidos, a boca e, santo Deus, os braços; há a substância improvisada de algas, nuvens e brisas; e mais. Um leve murmúrio de estrélas. Está visto que falar assim é dizer bobagens. Mas por que lembramos a onda trêmula, ou um apito longo de trem que ouvimos uma tarde numa capoeira, depois de um silêncio deixado por um bando de periquitos? As sensações da vida sobem dentro de nós; há um apêto de garganta. Lembramos inhames à beira do córrego, e o calor do pescoço do cavalo sob a crina; em alguma parte há marolas gulosas de água verde lambendo o batelão.

E flor! É incrível como a mulher se parece com a flor. Fixemos: uma flor. Sabemos o que é, como nasceu, e que morrerá. Mas nossa botânica não explica a frescura desse milagre; nem muito menos por que nos emociona. Podemos passar diante de uma casa de flores, e ver, e achar belas as flôres. Mas a flor que de repente nasce no muro familiar, que adianta estudá-la? É uma aparição; algo que traz do fundo da terra uma inesperada palavra de candor. Parece dizer: eis-me aqui. E não é apenas a brisa que a estremece; é a vida.

Vejam, concidadãos. Eu escrevia as coisas acima em minha casa, há cinco minutos. Tinha o pensamento longe. Na verdade confesso que, ao pôr o papel na

máquina, o primeiro que bati foi o título do que ia escrever. E era: "Recordação da aldeia de Pávana". Ia falar de uma aldeia onde tive a revelação da primavera, na Itália; falaria das casas e do céu; mas no meio da escrita me esqueci, embora por baixo das palavras sobre a mulher e a flor eu sentisse confusamente respirar a aldeia. Escrevo em minha casa. Pois ouvi uma voz e cheguei à janela. Era uma jovem que passava para me dizer bom dia; vai à praia. Entrou, sentou-se; tivemos uma rápida conversa banal. É môça, bela, simples; é mais conhecida que amiga. Temos uma espécie de amizade distraída, fraca, suave. Quando se foi, cheguei à janela, e acompanhei-a com os olhos até a esquina. Ela não sabia que estava sendo vista. Andava com seu passo natural, e não se voltou. Ia pensando suas coisas. Comoveu-me. Não sei por que seus saltos altos me comoveram, enquanto andava, e assim também o leve movimento de seus cabelos. Seria despropositado dizer-lhe a mínima palavra de ternura, hoje, amanhã, ou nunca. Não podemos recolher o brilho do lombo elástico de uma onda e fazer um discurso ao mar, acaso podemos? Quando subimos aquela capoeira estorricada, entre carvões de troncos, ao sol ardente... Antes de pegar o caminho do outro lado do morro, paramos um instante sob uma árvore qualquer; e então uma brisa vinda dos morros passou em nossa cara suada. Temos um vago sentimento de bênção; a sombra, a leve mão da brisa. Mas seria absurdo dizer: muito obrigado. Na verdade, falamos muito pouco, embora, nos botequins, levemos horas a tagarelar. No fundo, somos calados; para a ternura e para a ofensa. Como poderia dizer, a essa môça, que nos comoveu seu corpo de breves ancas andando sobre os saltos altos; ou que o leve movimento de seus cabelos castanhos nos fez bem?

Se estamos apaixonados, então temos o direito de dizer: escute, minha senhora, quando levantou os dois braços para arrumar os cabelos, duas bandeiras amigas acenaram por um céu distante, os coleiros do brejo ergueram vôo; a árvore meneou suas franças, e as nuvens se tornaram violetas. Lembramos confusamente cachoeiras se deixando cair com um ar fidalgo. A parte de dentro de seus braços é mais clara que a de fora, e isso, tão fácil de prever, nos comove como um segredo amigo; a senhora erguendo os braços com as mãos atrás da cabeça fica mais alta.

Isso, concidadãos, podemos dizer, se estamos apaixonados; mas mesmo isso escassamente dizemos. E ora não estamos apaixonados. Nossa comoção por essa môça é gratuita. O que sentimos por ela é uma espécie de gratidão. Não tínhamos pensado nisso; mas agora da-

mos conta de que sua presença é um favor da vida: e quando a encontramos numa esquina achamos que é uma gentileza da municipalidade para com nossa mequinha, às vèzes surdamente aflita pobre pessoa.

Tenho vontade de vos conclamar para uma grande manifestação pública, mas cada um onde estiver, no ônibus galopante, diante da mesa ou em casa ou na rua; deitado em sua cama, no chuveiro ou no trabalho. Uma grande manifestação de boa vontade e boa fé. Vamos fazer isso em silêncio, e depois não comentaremos. Vamos agradecer a brisa na cara suada; a mulher com luz nos olhos; o menino, a onda, o pássaro, o chão.

O bom chão; dormir no chão. Morrer, descansar no bom úmido chão, não mais imprudentes, não mais aflitos, não mais aflitos!

GENTE DA CIDADE



Maria Clara Machado,
teatro

Maria Clara é gente da cidade, filha de gente da cidade (vide Aníbal Machado, n.º 79 de MANCHETE) e nasceu em Belo Horizonte, mas veio logo para Ipanema, e fez os cursos primário e secundário no Colégio S. Paulo, de freiras, no Arpoador; continua fiel aos prazeres da praia que vêm desde a mais remota infância.

Foi bandeirante (chefe, comandante, dirigiu "Fogos de Conselho") e isso exerceu grande influência em sua vida. Foi de uniforme que fez as primeiras viagens pelo Brasil e estrangeiro (Paraguai, Argentina, Uruguai, duas vèzes Estados Unidos), e uma de suas grandes companheiras de farda foi Maria Julieta Drummond de Andrade, filha do poeta Carlos. Outra: Carmen Silva Murgel, hoje sua colega de teatro. Muito ativa, sempre esteve estudando alguma coisa — datilografia, línguas, enfermagem (a primeira vez que viu um homem esfaqueado passou uma semana sem poder comer), teve mania de bicicleta, tênis (Caçaras), vôlei.

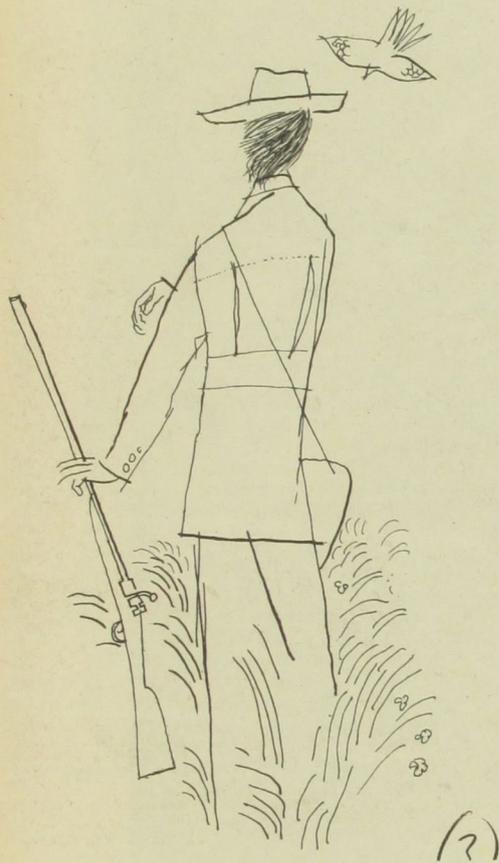
Nos domingos da casa paterna conheceu um mundo de gente importante do Brasil e de fora, poetas, atôres, políticos, filósofos e na vasta biblioteca do pai outro mundo, em que é mais amiga de Bernanos, Julien Green, Garcia Lorca.

Um dia o grande titereteiro argentino don Javier de Villafañe deu um espetáculo de fantoches no jardim de Aníbal. Maria Clara entusiasmou-se, fez um curso no Pestalozzi, inventou seus bonecos, escreveu cerca de dez peças e resolveu divertir a garotada do Patronato da Gávea, onde fazia trabalho de assistente social e enfermeira. Durante cinco anos fez teatro de bonecos. Vai publicar um livro sobre o assunto na Companhia Melhoramentos. Depois ganhou uma bolsa, foi a Paris duas vèzes, fez um curso de um ano (como Tônia Carrero) de "Education par les jeux dramatiques", fundado por Barrault, estudou dança moderna com Laban, criador do ballet Joss, e mímica no curso famoso de Decroux. Fez também um curso de férias de arte teatral no castelo de Totes, no sul da Inglaterra.

Na volta, a môça que sempre representava de palhaço nas brincadeiras de "Fogo de Conselho", onde adquirira certa habilidade em improvisar espetáculos, resolveu fazer teatro de gente, e organizou com Eros Gonçalves a companhia de amadores "O Tablado". Peças infantis ou adultas fazem sucesso cada vez maior no teatrinho do Patronato da Gávea; a que está em cena é dirigida por João Bettancourt, que estudou teatro três anos em Yale e traduzida por Elsie Lessa: "Nossa Cidade", de Thornton Wilder, que será levada até o dia — um grande sucesso. A penúltima foi escrita pela própria Maria Clara, é a peça infantil "O Rapto das Cebolinhas", que leva a garotada a um estado de delírio; será montada no "Follies" em vespéral, aos sábados e domingos. Mas "O Tablado" continua rigorosamente amador; tudo é feito pela turma de amigos e amigas de Clarinha, quase sempre bandeirantes, desde a faina de varrer o chão até a

de vender entradas. Alguns dos "tabladistas" são médicos, advogados, engenheiros, há môças e senhoras casadas como duas filhas de Odilon Braga, Lúcia e Kalma, há também quem pense em se tornar profissional, e está no "Tablado" como numa escola. Mas ninguém recebe tostão. A companhia está com 70 contos em caixa, para montagem de novas peças e pretende levar os chamados "nôs japoneses; vai ser desencadeada agora uma campanha para melhorar as cadeiras, que são incômodas, e o próprio teatro. Para o Congresso Eucarístico será montada "Sarah e Tobias", de Claudel.

No mais, Clarinha é o que há de normal, teve muitos namorados (o primeiro a conheceu vestida de palhaço, com a cara tôda lambusada) e acha que ainda não casou porque sabe que os estrangeiros dão melhores maridos, mas ela prefere os brasileiros. Quando tinha 14 anos quis ser freira; fêz uma demonstração de frevo para o reitor da Sorbonne; morou quatro meses com o casal Portinari, em Washington, quando o artista pintava a Biblioteca do Congresso; escapou de morrer afogada nas Sete Quedas e gosta principalmente de duas coisas: praia e jabeticabas. "É extraordinário: nunca me ocorreu chupar jabeticabas na praia. Deve ser a própria felicidade!"



(versos que Mário de Andrade achava dos "mais bem ritmados de nossa língua e também de grávida e alta poesia")

O VIDENTE

CASTRO ALVES

As vêzes quando, à tarde, nas tardes brasileiras,
A cisma e a sombra descem das altas cordilheiras;...
Quando a viola acorda na choça o sertanejo
E a linda lavadeira cantando deixa o brejo,
E a noite — a freira santa — no órgão das florestas
Um salmo preludia nos troncos, nas giestas;
Se acaso solitário passo pelas picadas,
Que torcem-se escamosas nas lapas escarpadas,
Encosto sobre as pedras a minha carabina,
Junto a meu cão, que dorme nas sarças da colina,
E, como uma harpa edília entregues ao tom dos ventos,

Estranhas melodias, estranhos pensamentos,
Vibram-me as cordas d'alma, enquanto absorto

[cismo,
Senhor! vendo a tua sombra curvada sobre o abismo,
Colher a prece alada, o canto que esvoaça,
E a lágrima que orvalha o lírio da desgraça,
Então, no êxtase santo, escuto a terra e os céus,
E o vácuo se povoa de tua sombra, ó Deus!

GLAMOUR GIRL DE 1954



A srta. Ilde Garavaglia, "Glamour" de 54", quando recebia os prêmios das mãos deste colunista e da sra. Léa Affonseca Duvivier.



O Ministro e sra. Cândido Lôbo dançando. Ele presidiu a comissão apuradora para a escolha da "Glamour Girl de 1954".



As "glamourosas" sras. Adolfo Cláudio Graça Couto e Bento Luís Soares Sampaio estiveram presentes à elegante festa.



A sra. José Augusto Godoy Bezerra, sr. Celmar Padilha e a senhorita Léa Pena, um dos grupos elegantes da noite.

Soirée

IBRAHIM SUED

● A FESTA DA "GLAMOUR GIRL" no Copa, considerada uma das mais elegantes do ano, celebrou a jovem Ilde Garavaglia, que conquistou esse título cobijado pelas jovens do "society" carioca. A "Glamour Girl de 1954" já recebeu vários convites para o cinema, várias propostas para o teatro e para o rádio. Recusando, ela explica: — Agora, o meu único desejo é arranjar um bom partido para me casar.

● UM DOS JANTARES mais elegantes do mês foi no Vogue, para a despedida do embaixador e sra. Vasco Leitão da Cunha. A beleza do acontecimento foi assunto para a semana. A Princesa Dona Esperança de Orléans e Bragança usava um belíssimo vestido. A sra. Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti, com um de seus espetaculares vestidos, lembrava uma Infanta de Espanha. O sr. Harry Stone não escondia seu entusiasmo pela sra. Nicole Hime. A sra. Lourdes Rosemburgo, como sempre, usava um modelo de Balmain. As sras. Joaquim Monteiro de Carvalho, Jorge Guinle, Carlos Eduardo Sousa Campos, Álvaro Catão, Roberto Singeri e Plínio Uchôa Neto eram as mais elegantes da noite. O Barão de Saavedra e o Príncipe Dom Pedro eram os gravatas-pretas mais elegantes do "souper". Um acontecimento e tanto.

● A MARQUESA DE SEGUR recebeu a visita da cegonha. O banqueiro Osvaldo Costa, pela segunda vez, anuncia o seu divórcio. Um dos jantares mais elegantes com que a Condessa de Plats foi homenageada aconteceu na residência do sr. e sra. Antenor Mayrink Veiga: "petit-comité". Para homenagear amigos americanos, o sr. e sra. Haroldo Buarque de Macedo receberam para um amável e movimentado "cock-tail-party". O sr. e sra. Ralph Haye e o sr. Philip Arnold tiveram oportunidade de conhecer a hospitalidade e o bom gosto cariocas.

● A PAULISTA SARITA COELHO, com sua beleza mesmo, fêz sucesso em sua temporada no Rio. Da Europa, sou informado que o diplomata Fernando Campos está "in love" com uma conhecida condessa. Quero cumprimentar a senhorita Marta Rocha, Miss

Brasil, por aceitar meu conselho, cortando seus cabelos. Agora, Martinha, lá vai mais um: você está abusando da maquilagem, precisa se pintar menos. Na festa portuguesa do Country, todo mundo comentou o excesso de pintura...

● INTERNACIONAL: Se vocês estão lembrados de Fernanda Montel (O Valete 11, do ex-casino da Urca, se lembram?...), ela está se exibindo em New York, na "boite" do Hotel St. Regis, com muito sucesso. Nos dois sentidos, aliás... O milionário Conde José de Villapadierna é o seu atual romance. Loura de sorte, sem dúvida. Não existe milionário que resista aos seus encantos. O romance mais escandaloso de New York no momento é o do cantor negro Billy Eckstine com a cantora branca Denise Darcel, francesa que está filmando em Hollywood. Na Europa, o casal Mário Vieira de Melo se divorciou.

● O SENADOR ASSIS CHATEAUBRIAND alugou por uma noite a "boite" Vogue, para homenagear o Comandante e sra. José Mattoso. Um senador americano que participou do jantar, e que aqui veio para a Conferência de Economia, foi considerado o convidado mais deselegante da noite. O sr. e sra. Fernando Soares Sampaio interromperam a vida de fazendeiros e, no Rio, estiveram em temporada noturna. Também o casal Carlos Rangel em atividades sociais no Rio. O sr. Santiago Dantas homenageou o sr. Ed Miller, com um almoço decididamente masculino. Na festa da "Glamour", o sr. Décio Novais Filho foi o que mais dançou com a senhorita Ilde Garavaglia... Aliás, dizem que suas viagens ao Rio têm motivo intensamente sentimental... São Paulo está de parabéns com o novo colunista social, que surgiu nas páginas do "Diário da Noite". Maneco é moderno e informativo. O aniversário da sra. John Gardner William foi festejado com um almoço na residência do sr. e sra. Ernesto G. Fontes.

● HOJE É SÓ. Antes, porém, quero frisar a vocês que a nota mais simpática da festa da "Glamour" foi a ausência da dama de preto, que anda cada vez mais antipática.